



Para sustentar o **crescimento**

KARINE WENZEL

A tarifa industrial de energia elétrica mais cara da região Sul e o risco de desabastecimento de gás natural foram os principais desafios tratados durante o quarto e último encontro do Cresce SC, realizado ontem, em Florianópolis. O presidente da Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc) e palestrante-chave do evento, Glaucó José Côrte, ressaltou ainda que a tributação “exagerada” da

energia, que chega a 40%, também compromete a competitividade do Estado.

– A tendência é de um agravamento do valor da tarifa em função da utilização de energia térmica. Não é cenário muito positivo, principalmente para a indústria – avalia.

Uma das saídas seria a instalação de um terminal de gás natural liquefeito (GNL).

– O gás boliviano é em média 20% mais caro que o nacional e o contrato que termina em 2019 é uma incógnita pelo componente político.

Sobre o preço da energia, Cleverson Siewert, presidente da Celesc, explica que apenas 18% da tarifa é gerenciada pelas distribuidoras, o resto é pela agência reguladora. Uma das soluções, conforme o presidente da Celesc, é ratear os custos das térmicas, como é feito com as hídricas. Além disso, a Celesc quer entrar de cabeça na comercialização no mercado livre de energia.

– Hoje, 25% da energia vendida em SC é energia livre – afirma.

“

GLAUCO CÔRTE
Presidente da Fiesc

O CUSTO DA ENERGIA TEM UM GRANDE IMPACTO NA COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA CATARINENSE



RICARDO WOLFFENTUBEL



FOTOS JESSÉ GIOTTI

Glaucó José Côrte, presidente do Sistema Fiesc, fez a palestra-chave do evento

Cleverson Siewert, presidente da Celesc



Jorge Luiz Alves, gerente de Pesquisa e Desenvolvimento da Eletrosul



O presidente do Senge-SC, José Carlos Rauem



Fernando Luiz Zancan, presidente da Associação Brasileira do Carvão Mineral (ABCM)



Racionamento é descartado

Durante o evento, um dos temas abordados foi o baixo nível dos reservatórios, resultado da pior seca dos últimos 86 anos, e o risco de racionamento. O presidente da Celesc ressaltou com o mesmo modelo sendo replicado, entre abril e maio de 2001, havia 30% de possibilidade de racionamento. Neste mesmo período de 2014 o risco de racionamento é de 4%.

– Do ponto de vista da distribuição de energia, até o final do ano permite bastante assertividade sobre a não necessidade de racionamento. Porém o custo de processo de ter a térmica na base será alto para o país. E teremos que suportar este custo nos próximos quatro a seis anos.

Jorge Luis Alves, gerente de Pesquisa e Desenvolvimento da Eletrosul, resalta que reservatórios estão se regularizando e não acredita em risco iminente de racionamento até o ano que vem.

Fernando Zancan, presidente da Associação Brasileira do Carvão Mineral (ABCM), defendeu um sistema híbrido de abastecimento. De acordo com ele, entre as térmicas, o carvão é a alternativa mais barata.